

Major Assuntos Civis LUIS CARLOS VILLA

**ALIANÇAS INTERNACIONAIS: IMPORTÂNCIA E BENEFÍCIOS DE UMA
PARCERIA ENTRE BRASIL - ESTADOS UNIDOS**

Linha de Pesquisa: Estudo da Paz e da



Rio de Janeiro
2020

Maj. Assuntos Civis **VILLA LUIS CARLOS**

Alianças internacionais: importância e benefícios de uma parceria
entre Brasil - Estados Unidos

Pré-projeto de Pesquisa apresentado a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para matrícula no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Militares, na linha de pesquisa “Estudo da Paz e da Guerra.”

Orientador: Rubens

Rio de Janeiro

2020

Sumário

1 INTRODUÇÃO	4
2 REVISÃO DA LITERATURA	7
2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA	7
2.2 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO SÉCULO XXI.....	8
2.2.1 A visão de Mayer.....	8
2.2.2 A visão de Fishlow.....	10
2.2.3 A visão de Hakim.....	10
2.2.4 A visão do liberalismo.....	12
2.2.5 A visão realista	13
2.2.6 A visão do construtivismo	15
2.3 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO GOVERNO DILMA-OBAMA.....	16
2.4 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO GOVERNO BOLSONARO-TRUMP	16
3. CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O campo das Relações Internacionais estuda sistematicamente as relações políticas, econômicas e sociais entre os países, mostrando reflexos que transcendam as fronteiras de um Estado. Dessa forma, estudam fenômenos que transcendem os limites de fronteira (SEITENFUS, 2004). Todos os países se relacionam de alguma forma, mesmo possuindo beligerância. Há de se destacar que essas relações são variáveis no tempo e no modo, abarcando as diversas expressões do poder.

Mais especificamente, o continente americano possui muitas diferenças em termos de desenvolvimento. Os Estados constituintes possuem diferentes graus de política, economia e sociedade (THEECONOMIST, 2015). Tal situação reflete no grau de democracia, havendo democracias plenas (mais alto grau) até regimes autoritários (menor grau).

Nesse sentido, duas democracias que despontam no continente americano são o Estados Unidos da América e a República Federativa do Brasil, por conta de suas economias e da força de sua influência. No caso do EUA, há uma influência global; e o Brasil é mais focado no subcontinente da América do Sul, Central e costa atlântica da África. Brasil e os Estados Unidos compartilham muitos ideais e interesses comuns para promover o crescimento econômico e a prosperidade, garantir o respeito pelos direitos humanos inalienáveis e avançar ainda mais os esforços de cooperação em defesa e segurança em toda a região.

As relações internacionais entre esses dois países advêm de muitos anos. O EUA foram uma das primeiras nações a conquistar sua independência de potência europeia. O Brasil conquistou independência um pouco mais tarde de Portugal, em 1822. A primeira nação a reconhecer a independência brasileira foi o EUA, em 1824. Há de se destacar que a política de “América para os americanos” ajudou os brasileiros se libertarem das amarras europeias (RICHARDSON, 1907). Com o decorrer do tempo, as relações entre Brasil e EUA sofrem modificações. Houve momentos em que melhoraram e, em outros que pioraram.

Na última década, os dois países passaram por momentos distintos em termos e líderes que comandaram as duas nações. O EUA teve na figura do presidente

democrata Barack Hussein Obama II desde 2009 até 2017. Logo após, ascendeu à presidência o republicano Donald John Trump.

De forma semelhante, houve modificações no Brasil. Dilma Vana Rousseff, uma política de orientação de esquerda, recebeu o cargo em 2011 e permaneceu até 31 de agosto de 2016, sendo alvo de um processo de impeachment. Logo após, Michel Temer (político de orientação de centro) assume o mandato até 1º de janeiro de 2019. Com as eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro (político de direita) assume a presidência.

Essas modificações trouxeram impactos em toda geopolítica mundial. A expressão política traz reflexos diretos nas outras expressões do poder. A militar não é diferente, sendo impactada diretamente pelos agentes decisores. Dessa forma, vários campos foram impactados, como quantidade de militares realizando cursos, acordos bilaterais, compras etc.

Verifica-se que houve grandes mudanças em termos ideológicos nesses países. Dessa forma, o problema que esse trabalho se propõe a estudar é: “Como as relações internacionais entre Brasil e EUA modificaram nas gestões Dilma-Obama e Bolsonaro-Trump?”.

A hipótese inicial diz que, como houve alinhamento de pensamento entre os dois presidentes finais, então provavelmente melhorou a relação dos dois países, em termos militares.

O objetivo principal da pesquisa é determinar se as relações entre EUA e Brasil melhoraram na expressão militar entre as gestões Dilma-Obama e Bolsonaro-Trump. Para atingir esse alvo, há necessidade de passar pelos seguintes objetivos específicos: (1) analisar as relações militares no governo Dilma-Obama; (2) analisar as relações militares no governo Bolsonaro-Trump; e (3) verificar quais os campos que melhoraram ou pioraram.

O estudo se justifica, primeiramente, porque o autor possui especialização na parte de assuntos civis pelo Exército Americano. Dessa forma, já trabalha no campo político, tratando com diversas autoridades sobre assuntos eminentemente militares. Há de se ressaltar que por haver análise estratégica, o objetivo do trabalho se alinha com os conceitos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Brasileiro que

trata do nível político-estratégico. Além disso, por ser um tema recente, não há registros de outros trabalhos acadêmicos que abordem sobre esse assunto. Dessa forma, destaca-se o ineditismo da pesquisa. Também, o trabalho pode ser apreciado por ambas as nações, possibilitando melhorar os laços de amizade e de cooperação.

Como limite da pesquisa, há de se destacar o sigilo de documentos relacionados a política externa. Muitos documentos, tanto do lado brasileiro como americano, possuem grau de sigilo determinado, não sendo possível a análise desses.

Em termos metodológicos, para auxiliar no projeto de pesquisa, o autor utilizará referências históricas para explorar relações comerciais, acordos bilaterais e parcerias militares. Além disso, o autor aplicará teorias das relações internacionais para orientar a pesquisa com teorias relevantes e princípios conhecidos aplicáveis à comunidade internacional e à área das relações exteriores. Essas teorias são liberalismo, *realismo* e *construtivismo*.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA

Para compreender e apreciar plenamente a relação EUA-Brasil, é importante analisar alguns dos eventos mais relevantes que levaram ao estado atual da relação entre os dois países. As relações bilaterais entre as duas nações oscilaram de "frio" para "quente" e de volta ao "frio". "Os Estados Unidos tornaram-se a primeira nação a reconhecer a declaração de independência do Brasil de Portugal, proclamada em 1822. Reconhecer a independência dos países das Américas de suas metrópoles europeias foi uma política dos Estados Unidos, que visava minar a influência europeia na região e, eventualmente, "conquistar" as nações independentes recém-criadas (HAKIM, 2004).

Durante a década de 1900 e a primeira metade do século XX, a interação entre as duas nações limitou-se a oportunidades multilaterais esporádicas, como a Conferência dos Estados Americanos. Na primeira Conferência Pan-Americana, em 1890, muitos países das Américas, incluindo EUA e Brasil, discutiram uma série de projetos de integração regional. Elas variaram de integração militar a econômica (Estado, 2018).

Na década de 1930, o interesse da Alemanha em aprofundar sua relação com países latino-americanos, especialmente o Brasil, gerou grande preocupação por parte dos EUA. A política externa dos EUA estava preocupada com a influência nazista no continente e diplomatas americanos e planejadores militares estavam preocupados com a possibilidade de o Brasil apoiar a Alemanha nazista (DOS, 2015). Tal aliança tornaria os Estados Unidos da América vulneráveis e fecharia o Atlântico Sul para o transporte aliado.

Felizmente para a América, o Brasil acabou se juntando aos Aliados, consolidando o compromisso dos EUA e da República Federativa do Brasil em manter fortes relações bilaterais. O Brasil declarou guerra à Alemanha em 22 de agosto de 1942, pouco depois de os Estados Unidos entrarem na Segunda Guerra Mundial e se juntarem às forças aliadas com patrulhas navais no Atlântico Sul. As unidades dos shopping foram enviadas para a Europa, principalmente para a Itália, lutando juntas

contra o totalitarismo nazista. Laços mais fortes com a cultura americana ocorreram durante o governo do presidente Getúlio Vargas nas décadas de 1930 e 1940. Nesse período, houve uma mudança de paradigma, o "velho mundo" europeu liberal deixou de ser a fonte de modernização que o Brasil buscou (Fishlow, 1982).

Após essa situação, o Brasil se distanciou do EUA quando ascendeu ao poder João Goulart. Nesse momento, o Brasil passou por uma aproximação com a Rússia e a ideologia socialista. Entretanto, quando o governo militar passou a liderar o país, houve novamente um estreitamento entre as nações. Com o passar do tempo, os governos da Nova República empregaram relações que sofreram mudanças que melhoravam e pioravam, dependendo do presidente no poder.

2.2 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO SÉCULO XXI

2.2.1 A visão de Mayer

Mayer é um dos autores que mais enfocam a relação Brasil e EUA. O autor destaca o reconhecimento do Brasil como "Principal Parceiro Global" e como "Parceiro Indispensável" para os Estados Unidos em uma variedade de questões de interesse regional e internacional. Meyer (2014) fornece evidências de medidas legislativas dos EUA implementadas para influenciar as relações entre as duas nações. Especificamente, a aprovação do Congresso dos EUA da Lei de Extensão de Preferências Comerciais de 2015, na qual o "Sistema de Preferências Generalizadas" (GSP) foi promulgado para fornecer tratamento tarifário não recíproco e isento de impostos a certos produtos importados do Brasil. Outra parte da legislação promulgada sob a Lei de Dotações Consolidadas de 2016 reformou o Fundo Monetário Internacional (FMI) que estava parado desde 2010, autorizando assistência externa adicional ao Brasil e também concedendo maior poder de voto ao Brasil. O autor também faz referência à significativa evolução do sistema de comércio internacional e recomenda que o Brasil reconsidere sua política comercial.

Talvez os aspectos mais importantes do artigo desta pesquisa estejam relacionados à cooperação em segurança e defesa nacional. Na área de cooperação em segurança, o autor destaca o Brasil como o segundo maior consumidor de cocaína

- um problema compartilhado com os Estados Unidos - com a ameaça de organizações como o “Comando Vermelho” e o “Primeiro Comando da Capital” supostamente expandir operações através das fronteiras brasileiras e em certas áreas, disputando o controle do governo brasileiro. Os problemas na área de três fronteiras da Argentina, Brasil e Paraguai também são descritos como áreas problemáticas para o Brasil. Por fim, o artigo faz referência à presença de simpatizantes ideológicos que dão apoio a grupos terroristas do Oriente Médio no Brasil. Como o caso sancionado pelos EUA em 2010, no qual o principal representante do Hezbollah na América do Sul - Bobal Mohgen Wehbe- transfere dinheiro superior a 500.000 USD para o Hezbollah no Oriente Médio.

Meyer cita exemplos de cooperação bem-sucedida EUA-Brasil, como treinamento conjunto entre agências antidrogas, antiterrorismo e defesa; criação do “Grupo 3 + 1 sobre segurança tríplice fronteiras”; e desenvolvimento de um Centro Conjunto de Inteligência para ajudar a combater atividades ilícitas ao longo das fronteiras do Brasil. Segundo este artigo, os EUA veem o Brasil como um parceiro extraordinário cujos esforços no combate ao terrorismo aumentaram consideravelmente nos últimos anos, contribuindo para um mundo mais seguro.

Em relação à defesa, Meyer destaca a cooperação militar EUA-Brasil durante operações de manutenção da paz no Haiti como a maior operação Brasil-EUA desde a Segunda Guerra Mundial. Os acordos entre as duas nações facilitaram a pesquisa e desenvolvimento, a segurança tecnológica e a aquisição de produtos e serviços de defesa. Os dois países também assinaram um acordo de "Segurança geral de informações militares" que permite o compartilhamento de informações classificadas de defesa e militares. O autor também observa que, apesar da discórdia política entre os dois países, a cooperação militar-militar é mais alta nos níveis operacional e tático. Historicamente, os EUA prestam assistência de segurança ao Brasil na forma de treinamento militar para ajudar (1) a fortalecer relacionamentos, (2) profissionalizar ainda mais a força e (3) aprimorar a capacidade do Brasil de assumir um papel maior na manutenção da paz e no combate ao terrorismo.

Este artigo não apenas fornece um contexto histórico de relações entre as duas nações, mas também induz um pensamento crítico sobre as relações futuras dessas

duas grandes nações. Com base no conteúdo deste artigo, uma pergunta que vale a pena explorar seria: “o que será necessário para o Brasil assumir um papel maior, especificamente militar, durante operações internacionais de conflito e combate?”

2.2.2 A visão de Fishlow

Albert Fishlow apresenta grandes perspectivas que se aplicam aos tempos contemporâneos no que diz respeito às relações Brasil-EUA. No artigo, o autor narra como os interesses Brasil-EUA diferiram entre si em uma grande variedade e maioria de questões e enfatiza a necessidade de buscar interesses mútuos para o aprimoramento das relações entre as duas nações. Fishlow cita de maneira persuasiva as rivalidades do Brasil com os países vizinhos como possíveis causas de instabilidade, a importância das políticas domésticas e internacionais e a necessidade de relações diplomáticas com nações mais poderosas para alcançar interesses comuns regional e internacionalmente. Um aspecto interessante deste artigo e importante para esta pesquisa é a referência do autor à Comissão Militar Brasil-EUA de 1954, na qual ele destaca a colaboração Brasil-EUA em questões de segurança como "algo não encontrado em outros lugares da América Latina".

O artigo de Fishlow será usado como ponto de partida para pesquisas adicionais para encontrar respostas para o seguinte: “por que a relação Brasil-EUA aparentemente estreita foi de lado? E "quais são as perspectivas de sua reconstrução?" As perspectivas históricas do artigo fornecem informações sobre áreas bastante relevantes para o futuro das relações EUA-Brasil e informações sobre acordos que antes funcionavam e que valem mais pesquisas.

2.2.3 A visão de Hakim

Hakim (2014) começa com uma breve narrativa explicando o impacto de uma suposta operação de espionagem em massa dos EUA no Brasil, coletando dados de conversas privadas entre a então presidente Dilma Rousseff e seus principais assessores. Na época de sua publicação, o autor citou as relações EUA-Brasil "nas mais baixas desde o final da ditadura militar, há mais de 30 anos". Isso resultou nas acusações do Brasil contra as Nações Unidas perante as Nações Unidas por

alegações de violações de direitos humanos, invasão e captura de informações confidenciais sobre atividades corporativas e desrespeito à soberania do Brasil. O incidente desencadeou uma reação de "empurrão no joelho" do Brasil ao comprar US \$ 5 bilhões em caças do fabricante sueco -SAAB- em vez da corporação americana BOEING. O autor identifica questões adicionais, como a disputa sobre o programa nuclear do Irã, como prejudiciais para as relações EUA-Brasil. Hakim afirma que "o Brasil e os EUA não fizeram nenhum progresso significativo na definição de uma relação de interesse mútuo". Ele apoia seu argumento citando que nem um único pacto econômico importante foi acordado entre as duas nações nas últimas três décadas e destaca que os EUA assinaram mais de 20 acordos de livre comércio em todo o mundo, dos quais 11 foram com países da América Latina.

Dada a história de cooperação limitada, discórdia política e confrontos desagradáveis entre as nações, um conjunto pertinente de perguntas para induzir mais pesquisas seria: essas duas nações podem deixar de lado suas diferenças e procurar motivos / interesses comuns para promover a cooperação de maneira mais eficaz? E "o que é necessário para desenvolver um relacionamento positivo para promover seus interesses nacionais?"

Hakim também observa que, mesmo quando os interesses e objetivos EUA-Brasil são compatíveis, os dois países não alcançaram qualquer compromisso de trabalhar em abordagens e / ou estratégias que atendem interesses mútuos. Em vez disso, ele faz referência à relação EUA-Índia e a denomina "um modelo para o Brasil e os EUA". Ele explica que, além da problemática relação entre EUA-Índia - pior do que Brasil-EUA -, essas duas nações deixaram de lado suas diferenças e desenvolveram uma relação estratégica para lidar principalmente com desafios geopolíticos e de segurança, com importantes resultados econômicos para ambas as nações. O autor elogia o fato de que os desafios políticos e burocráticos não impediram a negociação de concessões e trocas.

O artigo de Hakim abre caminho para o pensamento crítico sobre questões profundamente enraizadas na história das relações Brasil-EUA e provoca a seguinte pergunta: "as relações EUA-Índia podem servir de modelo para transformar os laços EUA-Brasil da mesma forma? Este artigo é essencial para esta pesquisa e uma análise

mais aprofundada de interesses e propósitos comuns que ambos os países poderiam classificar como "prioridades de primeira ordem". As informações obtidas servirão como argumento de apoio para a recomendação de novas políticas.

2.2.4 A visão do liberalismo

Promover a liberdade produzirá paz, muitas vezes nos disseram. O presidente Reagan proclamou em um discurso diante do Parlamento britânico em 1982 que os governos financiados pelo respeito à liberdade individual exercem contenção e intenções pacíficas em sua política externa. Ele então anunciou uma "cruzada pela liberdade" e uma "campanha pelo desenvolvimento democrático" (Doyle, 1986).

A proclamação feita pelo Presidente Reagan perante o Parlamento britânico é uma fonte útil de inspiração para esta pesquisa. A razão é que o Brasil e os Estados Unidos têm uma longa história de lutas na busca da liberdade e da igualdade para garantir o bem-estar de seus cidadãos, conforme prescrito pelos mandatos internacionais de direitos humanos. Ao aprender sobre a história de tais lutas e como cada país está conseguindo evoluir para sociedades totalmente democráticas, muito pode ser aprendido a desenvolver políticas entre ambas as nações que irão melhorar a colaboração e a parceria duradoura.

Segundo Doyle (1986), não há descrição canônica do liberalismo. No entanto, o que chamamos de liberal ilustra uma série de princípios e instituições, reconhecíveis por características únicas como liberdade individual, participação política, propriedade privada e igualdade de oportunidades que a maioria dos Estados liberais compartilham, embora nenhum tenha aperfeiçoado todos eles. Este último pode ser visto nos efeitos universais do capitalismo e da democracia. A pesquisa sobre a República Federativa do Brasil e dos Estados Unidos pode beneficiar da análise dos fatores acima mencionados, pois revelará deficiências que podem ser utilizadas para melhores relações e alcançar objetivos mutuamente beneficiados.

Um exemplo deste último pode ser observado na análise da cooperação entre o Norte e o Brasil. Conforme ilustrado no Atlas da Política Brasileira de Defesa (2017), a cooperação militar é um exemplo da importância de uma parceria estratégica com os Estados Unidos. Segundo os autores, o Brasil ainda carece de tecnologias que existem

no Norte, que incluem componentes de sistemas de armas, aviônica, antenas para sistemas de radar e detecção de mísseis balísticos. Até que a transferência total de tecnologia para a indústria de defesa brasileira seja alcançada, parcerias com países produtores como os Estados Unidos beneficiarão o Brasil. O estudo e/ou aplicação de políticas econômicas liberais e regulamentações externas ajudariam a desenvolver e refinar a pesquisa.

No nível da cooperação Segurança/Defesa, os dois países já compartilham informações valiosas no combate ao tráfico de drogas e atos ilegais transnacionais, participam de exercícios de treinamento militar, promovem intercâmbios em educação militar, logística e mantêm adidos militares e de defesa em suas respectivas representações. A atual liderança civil e militar dos EUA acredita firmemente que o Brasil é de grande importância estratégica para a América Latina, particularmente por seu potencial papel de liderança no Hemisfério Ocidental e em outras regiões geográficas.

Olhando para a atual situação geopolítica e diplomática entre os EUA e o Brasil, mais do que nunca, países com uma rica história de cooperação, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, devem unir seus esforços coletivos para encontrar maneiras de aprofundar a cooperação e beneficiar o interesse mútuo, iniciativas e avançar nas relações com novos níveis de parceria e confiança.

2.2.5 A visão realista

Quando se pensa em realismo, é quase inevitável pensar em Morgenthau. No entanto, um aspecto que parece acompanhar seu trabalho é sua compreensão notavelmente estreita da política. O estudo de seu trabalho pode ser utilizado como uma plataforma de lançamento para buscar mais conhecimento e compreensão sobre o tema.

Morgenthau envolveu-se fortemente na oposição ativa à Guerra do Vietnã, participando do primeiro National Teach-In em Washington, DC, em maio de 1965, e debatendo com o conselheiro de Segurança Nacional McGeorge Bundy em rede nacional, a administração dos EUA ativou o "Projeto Morgenthau" que enviou funcionários do Conselho de Segurança Nacional dos EUA abatendo através dos

escritos do estudioso em busca de erros (HANS, 2004). Morgenthau nos ensina como exercitar o julgamento e reconhecer fatores que ajudam a identificar comportamentos sociais que podem ou não estar relacionados ao comunismo, nacionalismo, liberalismo e/ou realismo. Aprender os escritos de Morgenthau e entender seus pontos fortes e críticas ajudaria o autor a realizar uma análise minuciosa dos fatores sociais das sociedades brasileira e americana para desenvolver uma compreensão das condições sociais passadas e atuais e influenciar a política.

Enquanto construtivistas sociais, sociólogos históricos, institucionalistas liberais, economistas políticos e até mesmo realistas neoclássicos podem muito bem divergir sobre a natureza do realismo e sua renda no desenvolvimento futuro das teorias internacionais, eles compartilham características comuns e estão em grande parte unidos na convicção de que uma preocupação com a economia política, o impacto das estruturas domésticas, ou a influência da cultura e da identidade parecem marginais dentro do realismo clássico. Em vez disso, pode-se afirmar com certeza que o estudo e a compreensão das teorias realistas ajudariam a entender as políticas e socioeconômicas brasileiras e americanas. Isso, por sua vez, ajudará a desenvolver teorias que ajudarão em uma postura pró ou contra a parceria Brasil – EUA.

Realismo é preeminentemente uma abordagem para as relações internacionais que baseia sua legitimidade no estudo do que as pessoas fazem e porque fazem isso. Essa noção é importante para orientar a pesquisa das relações Brasil – EUA, pois leva o pesquisador a estudar as pessoas sobre o que as pessoas fazem e por quê. Este último se aplica aos numerosos presidentes e outras pessoas influentes que moldaram as relações entre as duas nações. O estudo de presidentes e outros tomadores de decisão de alto nível ajudará o pesquisador a identificar padrões que podem derivar de falhas individuais ou melhor, de partidos políticos maiores que muitas vezes desempenham um papel enorme em questões de escala nacional e internacional.

O realismo lassical revela uma tradição de pensamento que proporciona uma compreensão sutil e sofisticada do papel das ideias no IR. Essas ideias são importantes não apenas na pesquisa de um projeto de tese ou outro trabalho acadêmico, mas também ajudam a levantar questões fundamentais para as teorias contemporâneas das relações internacionais. Isso, por sua vez, fornece uma maior

variedade de escolhas ao selecionar teorias e determinar a essência de sua importância. Para a pesquisa das relações Brasil – EUA, a verdadeira compreensão das múltiplas teorias permite ao pesquisador realizar pesquisas e analisar informações usando múltiplas lentes teóricas aliadas a experiências analíticas adicionais que permitem aos indivíduos fazer e responder perguntas da maneira correta.

2.2.6 A visão do construtivismo

O construtivismo argumenta que o mundo social é de nossa autoria e que os atores, geralmente poderosos, moldam continuamente o reino das relações internacionais através de suas ações e interações. Esse conceito se aplica claramente aos atores da comunidade internacional como o Brasil e os Estados Unidos. O estudo e a compreensão do construtivismo ajudarão na pesquisa das relações entre essas duas grandes nações. As ações e interações de atores poderosos de cada um desses países levaram, sem dúvida, a decisões que impactaram as relações bilaterais, bem como as internacionais de forma positiva e negativa. Portanto, abordar uma pesquisa do ponto de vista construtivista permite aos pesquisadores realizar uma análise aprofundada desses atores e identificar o que foi feito e o que foi feito de errado para recomendar medidas que melhorem a cooperação e fortaleçam os laços entre essas duas nações.

O construtivismo vê o mundo, e o que podemos saber do mundo, como socialmente construído. Usando essa visão, pode-se argumentar que as parcerias entre as nações são uma ótima maneira de dissuadir os conflitos. Uma maneira mais simples de explicar isso pode ser referindo-se às armas de um aliado versus as armas de um inimigo em potencial. No caso dos Estados Unidos e do Brasil, pode-se inferir que 500 armas nucleares brasileiras são mais perigosas para os Estados Unidos do que 50 mísseis balísticos nucleares cubanos. Esse conceito de construção social ajudará a identificar formas pelas quais os EUA e o Brasil podem colaborar e beneficiar mutuamente dele.

2.3 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO GOVERNO DILMA-OBAMA

O período que há a interseção dos mandatos dos referidos presidentes é desde 01 de janeiro de 2011 até 31 de agosto de 2016. Quando Dilma Roussef assumiu (2011), recebeu a relação com o EUA de “diálogo estratégico”. Entretanto, tentou abandonar posições de alinhamento que residiam dos anos de 1990.

No campo político, Dilma realizou três viagens ao EUA: 2011, 2012 e 2015. Já Obama fez em 2011 e 2015. O evento mais marcante foi a denúncia de Edward Snowden sobre a suposta espionagem exercida pelo EUA em autoridades, incluindo então presidente do Brasil, em 2013. Tal fato fez com que a presidente do Brasil solicitasse explicações, via diplomacia. Por essa razão, houve um maior distanciamento entre as nações (PECEQUILO, 2014)

No campo militar, o Brasil continuou como líder da Missão de Estabilização das Nações Unidas para o Haiti (MINUSTAH) que perdurava desde 2004 e terminou em 15 de outubro de 2017.

Além disso, documentos expostos no site Wikileaks revelaram que o EUA era contrário ao programa de produção de foguetes espaciais brasileiros que tinha como parceiro a Ucrânia.

A organização da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016 permitiram realizar a compra de materiais para as Forças Armadas, bem como realizar integrações com militares americanos para realizar os grandes eventos. Todos esses tópicos melhoraram a segurança (ALBRES e NETO, 2013).

2.4 RELAÇÃO BRASIL E EUA NO GOVERNO BOLSONARO-TRUMP

O período de interseção dos mandatos ocorre entre 01 de janeiro de 2019 e 01 de janeiro de 2021. Em apenas dois anos, os dois países se aproximaram bastante, em termos de discurso.

No campo político, a principal contribuição foi quando Trump endossou a soberania brasileira quando essa estava sendo contestada por nações europeias por conta das queimadas na Amazônia. Na oportunidade, Trump disse que a solução deveria passar pelos próprios brasileiros. Além disso, Trump apoiou a adesão do Brasil na Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

No campo militar, houve vários eventos.

Em 2019, o EUA designou oficialmente o Brasil como aliado militar preferencial fora da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Com tal status, o Brasil poderá aprofundar a cooperação militar bilateral, comprar de equipamentos, aumentar intercâmbios militares e realizar manobras conjuntas entre as Forças Armadas dos dois países (SANTOS, 2019).

Em outubro de 2019, Brasil e EUA assinaram acordo para que o EUA lance foguetes e satélites a partir da base de Ancântara, no Maranhão, de forma comercial. Dessa forma, o território permanece sob jurisdição do governo brasileiro. A operação deve começar a ocorrer em 2022.

Em 08 de março de 2020, houve a assinatura de um acordo para “aperfeiçoar e prover novas capacidades militares”. Nesse sentido, O Brasil tem facilidade de acesso a produtos de defesa, bem como a Base Industrial de Defesa brasileira tem possibilidade de vender equipamentos para países da OTAN (SANTOS, 2020).

Em 17 de setembro de 2020, chegaram ao Brasil 30 carros de combate blindados (modelo M577 A2) doados pelo EUA na cidade de Curitiba (G1,2020).

3. CONCLUSÃO

As teorias internacionais proporcionam sem contestação, uma riqueza de conhecimentos e aplicações que podem ser utilizadas em inúmeras situações. Na pesquisa das relações Brasil – Estados Unidos, elas ajudarão a identificar lacunas passadas e atuais para provocar mudanças e fortalecer as relações.

REFERÊNCIAS

NETO, W. A. D.; e ALBRES, H. M. **Relações Brasil-Estados Unidos no Governo Dilma: a agenda das visitas presidenciais oficiais em 2011 e 2012.** 2013. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4513/1/BEPI_n11_relacoes. Acessado em 24 de novembro de 2020.

BROWN, Chris. A "virada da prática", a fronesis e o realismo clássico: rumo a uma Teoria Política Internacional Fronástica? Disponível em: <http://www.mil.sagepub.com/content/40/3/439>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

DOS. (2015). "**Consulado Geral dos EUA Recife**"... Embaixada e Consulados dos EUA no Brasil. Fonte: State.GOV.

DOYLE, Michael. **Liberalismo e Política Mundial.** *American Political Science Review*, Vol 80 (4). Disponível em: Bancos de dados EBSCOHost. Acesso em 14 de outubro de 2020.

FISHLOW, A. (1982). **Estados Unidos e Brasil: O Caso da Relação Desaparecida.** Conselho de Relações Exteriores, pp. 904-923.

Fishlow, A. Voando para o Rio: perspectivas sobre as relações EUA-Brasil. *Revista de Relações Exteriores* 78/79(57), 387-405. Recuperado de <https://web-a-ebscobhostcom.ezproxy.liberty.edu/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=14&sid=375119c5-7043-4b17-a718-12b1aae5ae73%40sdc-v-sessmgr01>

Relações globais Brasil e EUA-Brasil. (2011). Conselho de Relações Exteriores. Recuperado de <https://www.cfr.org/report/global-brazil-and-us-brazil-relations>

RICARDSON, J. D. **Compilation of the Messages and Papers of the Presidents.** 1907. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120108131055/http://eca.state.gov/education/engteaching/pubs/AmLnC/br50.htm>. Acessado em 24 de novembro de 2020.

Hakim, P. (2014). O futuro das relações EUA-Brasil: confronto, cooperação ou desapego?. *Assuntos Internacionais*, 90(5), 1161-1180. Recuperado de EBSCOHost Databases.

HAKIM, P. (. (2004). **O Parceiro Relutante**. Conselho de Relações Exteriores, pp. 114-123.

G1. **30 tanques blindados, doados pelos Estados Unidos ao Exército Brasileiro, chegam a Curitiba.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/09/17/30-tanques-blindados-doados-pelos-estados-unidos-ao-exercito-brasileiro-chegam-em-curitiba.ghtml>. Acessado em 24 de novembro de 2020.

HANS, Morgenthau. 2004. **Por que as ideias importam nas relações internacionais: Hans Morgenthau, Realismo Clássico e a Construção Moral da Política do Poder.** Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3877799>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

Milani, C. (2018). Uma perspectiva brasileira dos desafios da agenda de cooperação da UE e da América Latina. Recuperado de http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_en/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_in/zona_s_in/ari72-2018-milani-brazilian-perspective-challenges-eu-latin-america-cooperation-agenda

PECEQUILO, C. S. **As relações bilaterais Brasil-Estados Unidos no Governo Dilma Rousseff, 2011 – 2014.** Austral: Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais. V. 3, n. 6, Jul-Dez 2014. P. 11-36.

Sabatini, C. (2013). A América Latina perderá a Hegemonia dos EUA? Revista de Assuntos Internacionais, 66(2), 14-58. Recuperado de <https://web-a-ebsohost-com.ezproxy.liberty.edu/ehost/detail/detail?vid=17&sid=375119c5-7043-4b17-a718-12b1aae5ae73%40sdc-v-sessmgr01&bdata=JnNpdGU9ZWZWhvc3QtbGI2ZS ZzY29wZT1zaXRl#AN=87422016&db=asn>

SANTOS, A. **Estados Unidos designam Brasil como aliado extra-Otan.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/brasil-e-eua-assinam-acordo-de-desenvolvimento-militar>. Acessado em 24 de novembro de 2020.

SANTOS, A. **Brasil e EUA assinam acordo de desenvolvimento militar.** 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-03/brasil-e-eua-assinam-acordo-de-desenvolvimento-militar>. Acessado em 24 de novembro de 2020.

Seitenfus, Ricardo. **Relações Internacionais**. 1ª ed. Editora Manole Ltda., São Paulo: 2004

State, U. D. (2018). **U.S. Relations with Brazil**. Acesso em 2018, disponível em US Department of State: <https://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/35640.htm>

Relações dos EUA com o Brasil. (2019). Escritório de Assuntos do Hemisfério Ocidental. Recuperado de <https://www.state.gov/u-s-relations-with-brazil/>

THE ECONOMIST. **Democracy Index 2015**: Democracy in age of anxiety. 2015. Disponível em: https://www.eiu.com/public/topical_report.aspx?campaignid=DemocracyIndex2015. Acessado em 24 de novembro de 2020.